

BIENAL DE SÃO PAULO: Crítico literário, professor em Yale e Nova York, dedica-se já há duas décadas à obra do bardo

Shakespeare, o genial inventor do homem

Para Harold Bloom, o grande dramaturgo elisabetiano foi o primeiro psicólogo ao desnudar almas e paixões

Shakespeare, a invenção do humano, de Harold Bloom. Tradução de José Roberto O'Shea. Objetiva, 896 páginas. R\$ 64,90

Barbara Heliodora

Adeslavada bardolatria de Harold Bloom já fica mais do que patente em seu "Western Canon", de 1994, quando ele situou Shakespeare e Dante (porém muito mais o primeiro) no próprio centro de seu cânone da literatura ocidental. A publicação de "Shakespeare, the invention of the human", em 98, era uma consequência inevitável daquelas conclusões, e agora temos, na tradução de José Roberto O'Shea, "Shakespeare, a invenção do humano".

Esta obra avantajada, composta por uma "Cronologia", uma advertência "Ao Leitor", uma introdução ao "Universalismo de Shakespeare", análises de todas as peças e uma "Coda" final, é sob vários aspectos o simples enunciado de uma admiração sem limites que já dura algumas décadas, pelo menos duas das quais gastas no ensino de Shakespeare. A saber, Harold Bloom é nada menos do que Stirling Professor of Humanities na Universidade de Yale e Berg Professor of English na Universidade de Nova York, tendo sido anteriormente Charles Eliot Norton Professor em Harvard, expressões de seu prestígio.

Livro tem vantagens e defeitos da intimidade

Este "Shakespeare" que agora chega ao Brasil apresenta todas as vantagens e alguns defeitos de uma obra escrita por quem tem excessiva intimidade com seu assunto: se por um lado Harold Bloom já enveredou por todos os caminhos e problemas da obra do dramaturgo, ele já lidou tanto com as mesmas que por vezes sua análise das personagens se torna excessivamente idiossincrática, com favoritos e desafetos tratados realmente à base do preconceito pessoal.

Em primeiro lugar é preciso, no entanto, esclarecer a razão do próprio título da obra, que busca sua base no fato de Shakespeare, por inventar o modo



WILLIAM SHAKESPEARE: criador de personagens que sofriram mudanças ao longo da narrativa dramática

mais universalmente aceito de representar caráter e personalidade por meio de linguagem (ao menos no universo de língua inglesa), inventou o ser humano tal como o conhecemos — o que faz dele o primeiro psicólogo, o prenunciador de Freud, cuja moral é tão isenta quanto a da natureza e, segundo Bloom, tão cruel e violenta quanto esta.

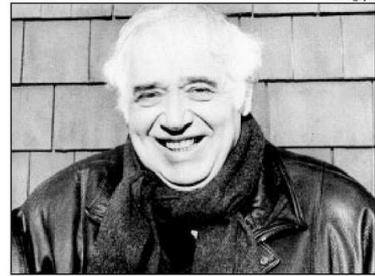
A alegação fundamental de Bloom é a de que antes de Shakespeare os personagens de ficção nasciam e morriam mas não mudavam, ou pelo menos não mudavam como os de Shakespeare, em função de alterações de suas relações consigo mesmos, mais do que as com Deus ou com os deuses. É ne-

cessário que eles "ouçam a si mesmos falando", porque só assim podem refletir sobre o que disseram, o que os conduz a mudanças que se assemelham àquelas por que passam os humanos em seu dia-a-dia.

É também na parte introdutória que Bloom enuncia sua posição crítica, sintonizada com a dos clássicos (a linguagem do Dr. Johnson, William Hazlitt, A. C. Bradley, etc) e contesta violentamente o que ele chama de "a escola dos ressentidos", ou seja, os críticos que têm, nas últimas décadas, trabalhado nas linhas reducionistas que vêem Shakespeare apenas como um produto das condições sócio-econômico-políticas de seu tempo, e lhe im-

põem suas idéias pessoais, cantando aqui e ali palavras ou situações que, fora do contexto, servirão para provar que Shakespeare teria sido expressão máxima da convicção de quem afirma que o analisa.

Para Bloom, a experiência estética do todo, o significado dos personagens, a importância da linguagem, são cruciais; e não há dúvida de que muita tolice tem resultado de tais modismos críticos, assim como nenhuma explicação nascida dessas leituras predeterminadas pode na realidade nos esclarecer qualquer coisa a respeito de Shakespeare. Menos feliz é o preconceito de Bloom contra diretores e encenações, que vê



HAROLD BLOOM: contestação às críticas da "escola dos ressentidos"

como tão reducionistas quanto à crítica ressentida, o que o leva a não fazer a mínima distinção entre os "Henrique V" de Laurence Olivier e Kenneth Branagh, que são — graças a cortes — fiéis a Shakespeare de modo diverso.

A idiossincrasia de Bloom fica refletida até mesmo em sua cronologia das peças, que diverge em vários pontos das datas mais universalmente aceitas, enquanto sua excessiva e exclusiva confiança no próprio julgamento fica refletida na lamentável ausência de índice e bibliografia. Muito das análises de cada peça é penetrante e precioso, mas seu desmedido encantamento por Falstaff, que tem como expressão máxima de uma força de vida, o leva a leituras estranhas no "Henrique V", onde busca meios de elevar seu predileto e rebaixar o príncipe e futuro rei de modos que pouco casam com o que o poeta escreveu.

Por outro lado, sua leitura de Hamlet é penetrante e enriquecedora, mesmo apesar da virtual adoração pelo personagem, enquanto sua percepção de Cleópatra como figura inquieta, multifacetada, sempre cambiante, é notável. No exame de Shylock podemos aprender muito sobre sua complexidade, e sem dúvida sua Rosalind de "Como quiserem", por quem Bloom se encanta, fica bem caracterizada como ancestral direta das "caçadoras" de Bernard Shaw, as mulheres que encontram e

capturam seus homens.

Tradução hercúlea, com alguns poucos deslizes

Na hercúlea tarefa de quase 900 páginas de tradução, José Roberto O'Shea se sai de modo geral bem, mesmo tendo uma certa tendência para usar palavras diferentes mesmo quando existe a tradução exata da mesma, o que sempre altera, por menos que seja, o que diz o autor. Alguns dos deslizes mais graves nascem do fato da palavra inglesa *character* querer dizer tanto "caráter" quanto "personagem" e, além do mais, "letra", como por exemplo na p.42, quando fica dito "Personagem implica etos, o caráter individual", quando no original está dito "Caráter significa tanto uma letra do alfabeto (omitido, no caso, com razão, por intraduzível) mas também etos, um modo habitual de vida". Em outras ocasiões o sentido muda com a mera alteração da redação, e nem sempre o tradutor consegue a fluência de Bloom.

Com todas as ressalvas que se possa fazer ao crítico que declara que acha pouco o culto atual a Shakespeare, e que este deveria ser adotado oficialmente como uma espécie de religião secular, "Shakespeare, a invenção do humano" é uma obra significativa para quem gostaria de conhecer melhor o poeta — é só, assim informado, depois ler as obras e tirar suas próprias conclusões. ■

RODAPÉ

- LÍNGUA PORTUGUESA I**
Na próxima terça-feira, dia 2 de maio, às 18h30m, o Centro Cultural Banco do Brasil encerra o seminário "Palavras ao mar: o itinerário de uma língua", que vem discutindo, desde o dia 11 de abril, o passado, o presente e o futuro da língua portuguesa. O tema deste último encontro será "Mundo, mundo, vasto mundo", e vai discutir a relação entre escritores e leitores e o que torna uma língua peregrina. Os professores Eliana Yunes e Leonardo Teixeira e a escritora Nélida Pinon serão os debatedores.
- LÍNGUA PORTUGUESA II**
Encerrando suas comemorações em torno do Descobrimento, a Uerj torna acessível a um público mais amplo uma obra rara: na próxima terça-feira, dia 2 de maio, ela lança a versão em CD-ROM do "Vocabulário português e latino", o primeiro dicionário de português, assinado pelo padre Raphael Bluteau e publicado no século XVIII. Durante o lançamento, que acontece às 19h, o filólogo e professor Evanildo Bechara vai comentar os 500 anos da língua portuguesa.
- AGENDA**
Terça, dia 2: "Aventuras de Rubem Braga", com seleção de Domicílio Proença Filho, às 19h, na Ração Cultural. Quarta, dia 3: "Tangoc: uma possibilidade infinita", de Hélio de Almeida Fernandes, às 19h, no Centro Empresarial Rio (Praia de Botafogo 228); "Os infantes de dezembro", de Antonio Caloni e "Ensaíes fotográficos" e "Ensaíes de Barros, com recital de poesias por Cássia Kiss, às 20h, no Gulma's (São Conrado Fashion Mall). Quinta, dia 4: "Locuções italianas e portuguesas divergentes", de Valério Mortara, às 18h, na Livraria da Edelurj (São Francisco Xavier 524); "Ai, que loucura!", de Narcísia Tamborindeguy, às 19h, no Copacabana Palace; "Shiatsu facial — A arte do rejuvenescimento", de Aridinéia Vacchião, às 19h, na Ponte de Tábuas (Rua J.J. Seabra, esquina com Jardim Botânico) e "A amante ideal", de Cynthia Dornelles, às 19h30m, na livraria Espaço em Movimento (Jockey Club). Sexta, dia 5: "Uma capital para a República: poder federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX", de Américo Freire, às 17h30m, no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (Praia de Botafogo 190/14º andar); "A ética no uso dos testes psicológicos, na informatização e na pesquisa", de Ernesto Santos e Norberto Abrão e Silva Neto, às 19h30m, no Hospital Pedro Ernesto (Avenida 28 de setembro 87 — Pavilhão Américo Piquet Carneiro, 6º andar) e "Tributo à Lagoa", de Fernando Rabelo, às 20h, no Clube Caiçaras.

NOVOS AUTORES
PUBLIQUEM SEUS LIVROS
TODOS OS ASSUNTOS
ESPECIALIZADOS EM: POESIA, PROSA, MEMÓRIAS
MINERVA PRESS DO BRASIL
Pagamento à vista - Entrega no local
R. DE JAPERÓ - 11 - CEP 22.460-000
Linha: 5189 - Fone: 248-0000
minervapress@ig.com.br

COMPRAMOS LIVROS
USADOS - PEÇAS GRANDES - DIETÉTICAS
Pagamento à vista - Entrega no local
☎ 507-0889 / 509-5551
Cidade Lemos, Av. Gomes Freire, 151 - Centro - RJ

FEIRA DE LIVROS
CINELÂNDIA
ESTANDES 37 e 49
LER e LERZAHAR
Rua México, 31 sobreloja
Tels.: 262-5073 a 76
TELEFAX 262-5076

Mudou, mas deixou o telefone.
MUDOU O ENDEREÇO
534-4333
Novos Contatos, atendendo que é um excelente.

O GLOBO
COMUNIDADE
► Dsb.

HOMENS, TREMEI !!!
BRIDGET JONES ESTÁ DE VOLTA!

Bridget Jones: no limite da razão, o novo lançamento de Helen Fielding, é a continuação do megassucesso O diário de Bridget Jones. O livro é prova cabal de que a mulher moderna mudou.

"Um fenômeno editorial. O diário de Bridget Jones vendeu mais de 1 milhão de cópias no Reino Unido, ganhou o British Book Award, foi terceiro lugar na lista dos mais vendidos nos EUA e já foi lançado em 23 países." Folha de S. Paulo

BRIDGET JONES: NO LIMITE DA RAZÃO
Helen Fielding
448 páginas
R\$ 28,00

Livros Record: Ampliando horizontes
Tel: (0xx21) 265-2002
www.record.com.br

